

Universidade: presente!

XXXI SIC



21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE



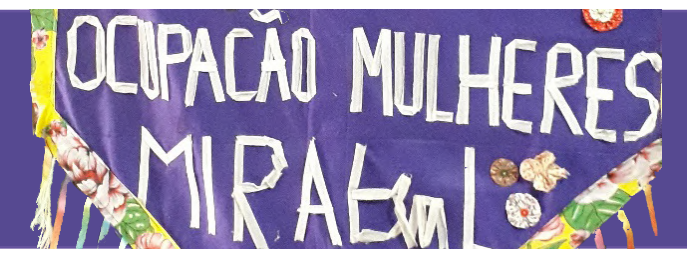
EXPERIÊNCIAS URBANAS E PRODUÇÃO DO COMUM: uma visão a partir de mulheres vítimas de violência moradoras de ocupação urbana

Helena Andrade Ew (autora)

Daniela Mendes Cidade (orientadora)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Faculdade de Arquitetura e Instituto de Psicologia



APRESENTAÇÃO

Essa pesquisa está vinculada ao Projeto EXPERIÊNCIAS URBANAS E PRODUÇÃO DO COMUM: modos de vida e invenção das cidades em tempos de intolerância, realizado pelos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Psicologia. Entendemos que diferentes modos de vida no cotidiano da cidade de Porto Alegre produzem modos de subjetivação. Ao acompanhar diversos grupos, são identificadas certas experiências como práticas de resistência inventiva, que excedem o modo hegemônico de habitar a cidade. No presente estudo, a cidade é abordada a partir das relações sociais e suas subjetividades ao analisar um grupo de mulheres vítimas de violência doméstica acolhidas em uma ocupação urbana. Essa ocupação é organizada pelo Movimento de Mulheres Olga Benário (MMOB), a Casa de Referência Mulheres Mirabal, situada no prédio que antes funcionava uma escola estadual, na Zona Norte de Porto Alegre.

OBJETIVO

O projeto objetiva suprir a demanda das mulheres da ocupação Mirabal por um espaço de escuta de suas vivências, identificando a produção do comum e analisando os percursos das ocupantes e seus deslocamentos pela cidade.

METODOLOGIA

Estudo de caráter qualitativo exploratório, realizado a partir do método cartográfico conforme Kastrup e Passos (Passos, E.; Kastrup, V.; Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano do comum - vol. 2, 2014). Como ferramenta de pesquisa foram criados diários coletivos.

No período de janeiro a julho de 2019 foram realizados grupos de escuta semanais, com a duração de uma hora, entre pesquisadoras e acolhidas. A partir de agosto as pesquisadoras passaram a frequentar o grupo da saúde da Mirabal uma vez ao mês, sendo este um espaço de análise e debate conjuntos.

TRECHOS RETIRADOS DO DIÁRIO COLETIVO

“Entrei no início da tarde, foram se apresentando, fazendo da cozinha sala de estar. Ao redor da mesa interagiam comigo, queriam me incluir no “é de casa”. Logo forma-se a roda do chimarrão.[...] Depois do desabafo, fazemos uma roda no lado de fora”

“O pátio que pertence a toda família, espaço que serve tanto como de passagem, como estruturador que junta e une os diversos núcleos familiares.”

“Enquanto buscamos as cadeiras reflito como a casa Mirabal funciona em volta do pátio e da pequena sala da entrada”



MODO DE OCUPAR O ESPAÇO:



FIGURA 1: Casa pátio, croquis, 2019. Fonte: Helena Ew

A CASA-PÁTIO COMO HERANÇA CULTURAL

A Mirabal apresenta na forma de ocupação do espaço as características estruturais das periferias da cidade de Porto Alegre. Formada por mulheres em situação de vulnerabilidade, quase sempre vindo das zonas mais pobres da cidade - uma periferia negra decorrente do período escravocrata e forjada a partir de um sistema capitalista explorador.

As moradoras habitam a casa de acolhimento mantendo a mesma lógica da periferia que se caracteriza pela associação de construções independentes de casas unifamiliares, conectadas no mesmo terreno através do pátio. Nessa pesquisa essa forma de habitar é denominada como casa-pátio.

Na Mirabal o pátio é compartilhado com uma família de brigadianos, sendo esse o local onde as mulheres vão fumar seu cigarro e conversar, enquanto todas as crianças brincam. A pequena sala, que deveria ser o hall de entrada na antiga escola, é utilizada como sala de estar principal. O desnível entre o pátio e a sala é utilizado como “varanda”, sendo que a porta é mantida aberta para que a brisa circule em um local protegido pela laje superior.

TRABALHANDO SOBRE O CUIDADO

O modo de vivenciar uma ocupação de mulheres vítimas de violência é complexo, a criação do comum acontece a partir da reflexão e resignificação de suas dores e do cuidado. As mulheres pobres vítimas de violência carregam o fardo de suprir as carências de afeto, de proteção e de sustento material de seus filhos; além de serem convocadas para responsabilizar-se por todas as funcionalidades de sua comunidade, tanto no privado quanto no meio público. Assim, ao longo da vida dessas mulheres, seus companheiros, a comunidade e o Estado têm tido a liberdade de abandoná-las, sem assumir os encargos decorrentes desse abandono. Na casa, ocorrem os primeiros embates contra essa lógica, o espaço possibilita a criação de um compartilhamento de tarefas entre as acolhidas e o movimento feminista, acusando negligência masculina e estatal.

CAMINHOS

Foram identificados e cartografados os caminhos (ver figura 2) traçados pelas mulheres vítimas de violência desde sua antiga moradia, até o período de ocupante na casa abrigo. A maioria das mulheres acolhidas vinham de zonas da periferia de Porto Alegre e região metropolitana (zona azul do mapa). As mulheres passavam, com frequência, um dia sem abrigo após o momento de decisão de saída ou da expulsão da casa de origem. Muitas vezes dormiam na rua até serem aconselhadas a prestarem queixa nas Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAM'S) ou delegacias convencionais, de onde eram encaminhadas à Mirabal.

Vê-se que o modo como as mulheres circulam pela cidade também é afetado pela localização da ocupação. Quando a Mirabal era localizada no Centro de Porto Alegre, as mulheres tinham mais medo de sair na rua, apesar da grande facilidade no acesso de comércios, serviços e aparelhos públicos. Após mudança para a zona norte, as mulheres se sentem mais seguras em caminhar pelo bairro, utilizando o comércio local e as praças públicas, mas apresentam restrições em relação ao custo da mobilidade urbana.

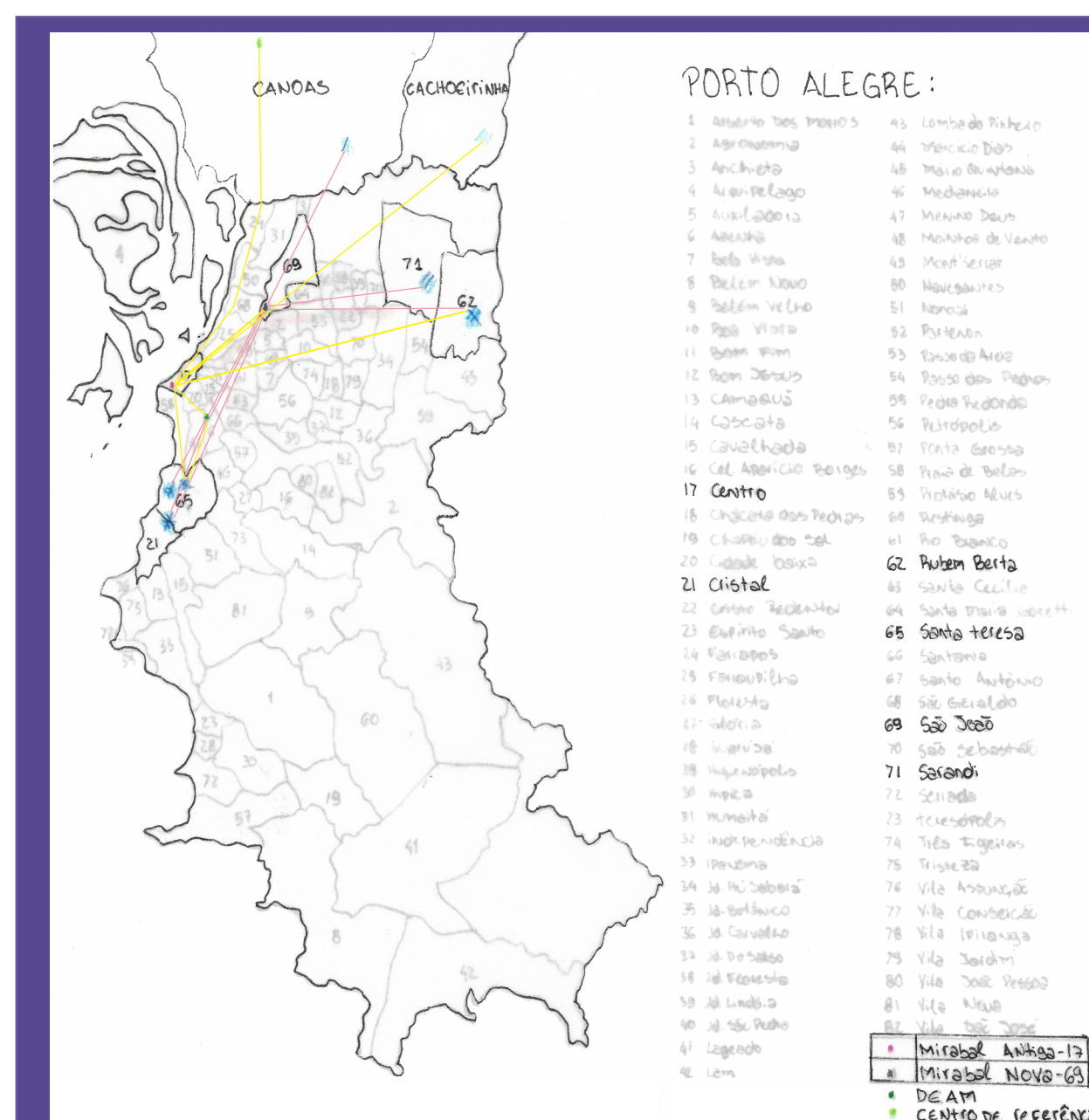


FIGURA 2: Caminhos, cartografia, 2019. Fonte: Helena Ew

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das falas e da observação no decorrer da pesquisa, pode-se observar os diversos modos de relação entre as acolhidas e a cidade. Percebe-se narrativas que remetem: a restrição material imposta com o cerceamento da liberdade; a constante periferização; o receio da insegurança; as marcas da violência física e psicológica. Também as narrativas expressam as heranças culturais pertencentes à territorialidade de origem de cada mulher, a estética da forma de vivenciar o espaço e a criação do comum na rotina da casa.

A ocupação revela a disputa política e cultural no espaço urbano. Ao mesmo tempo que o MMOB permite o debate e uma resistência ao machismo estrutural, também acusa o desamparo estatal. A Mirabal escancara o anseio da sociedade ao direito à cidade ao ocupar prédios sem função social, como afirma Harvey “todos aqueles cujo trabalho está envolvido em produzir e reproduzir a cidade têm um direito coletivo não apenas àquilo que produzem, mas também de decidir que tipo de urbanismo deve ser produzido, onde e como.” (Harvey, D., Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana, 2014, pg. 245).